

Para a quarta edição do programa de exposições em curso dedicado à natureza, a Abreu Advogados, em parceria com o Carpe Diem Arte e Pesquisa, apresenta uma série de obras da artista Teresa Palma Rodrigues.

## Teresa Palma Rodrigues

Teresa Palma Rodrigues (Lisboa, 1978) apresenta *Zona V (de Vago)* na Abreu Advogados. Esta exposição é o resultado da sua pesquisa de doutoramento em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Teresa faz uma reflexão sobre um terreno vazio que conseguia observar a partir da sua casa e do seu atelier. Os trabalhos expostos são fragmentos do herbário que foi construindo nas suas visitas àquele terreno inóspito e desabitado. Nesta entrevista, adaptada a partir de uma conversa, Teresa Palma Rodrigues pensa sobre a *Zona V* e o *Herbário* que construiu a partir dela.

### **Laura Falé (LF): O que é a Zona V?**

Teresa Palma Rodrigues (TPR): A Zona V é aquele segmento de território em Marvila, no bairro de Chelas, que está vazio, sem nenhuma construção. *Zona V* é um nome fictício: normalmente atribuem-se letras a bairros sem nome. Eu decidi nomear 'V' porque se trata de um vazio urbano, como um campo aberto para a imaginação, como potenciador de desejo e expectativa. 'V' é de Vago, que significa vazio, mas também significa errante e o meu trabalho pressupõe esse duplo sentido. Não está completamente vazio, não tem é ocupação humana. É um terreno difícil de definir. Chelas tem este ar difícil de definir, tudo tem um ar inacabado e o que dá esse aspeto são os terrenos vazios: a Câmara Municipal chama-lhes 'áreas expectantes'.

### **LF: Como se o terreno estivesse prestes a dar à luz, mas o bebé nunca nasce?**

TPR: Sim. Em 2003 comecei a observar o terreno e dizia-se que dentro de cinco anos haveriam de construir ali qualquer coisa. Aquele terreno angustiava-me...

### **LF: Porquê?**

TPR: O que me angustiava mais, naquela altura, era vir a deixar de ver rio da minha janela quando algo fosse construído no terreno. Em 2003, embora o terreno me inquietasse, devido à incerteza em relação ao que iria ser construído e ao seu aparente estado de abandono, eu preferia ignorá-lo; mas depois, nesta demorada espera, ele foi-se impondo na paisagem urbana e eu comecei a prestar-lhe atenção, a interessar-me por tudo que lá acontecia, porque percebi que diferentes pessoas usavam as potencialidades do terreno de diferentes maneiras – construíam hortas ou um pequeno jardim. Isso ajudou-me a aceitar a sua presença. Entretanto engravidei e com o nascimento da minha filha aquele terreno em estado selvagem, onde a vegetação nasce espontaneamente, deixou de ser um obstáculo – acho que me reconheci como parte da natureza por ter tido uma bebé. E senti que, enquanto seres humanos, nos distanciámos. A minha filha nasceu como um animal, como todos nós nascemos, e eu reconheci que era animal também, mas já não o sabia ser.

### **LF: Nessas incursões pelo terreno foste recolhendo flores e plantas comuns. Porque é que escolheste ampliar as plantas que faziam parte do teu herbário?**

TPR: Estas plantas que escolhi são invisíveis porque passam despercebidas. São banais e eu queria dar-lhes importância, queria dar valor a estas flores. Foi por isso que as colhi para pôr no herbário. Mas quando as fotografei e reparei em pormenores, fiquei maravilhada com as transparências que faziam lembrar aguarela. Então decidi ampliar para as pessoas verem aquilo que eu tinha visto. Parecia que a composição já estava feita e que cada planta estava em equilíbrio. De certo modo estava a tratar flores como pessoas porque quem vive aqui, vive com dificuldades, é pobre. São aquelas pessoas que preferimos não ver. Eu aumentei a escala porque assim conseguimos reparar nos detalhes, reparar naquilo que não se vê em tamanho natural.

### **LF: Passaste a identificar-te com as plantas?**

TPR: Sim, elas funcionam como espelho. Estamos tão distantes da natureza que já nem nos identificamos como parte dela. Eu gostava que as pessoas olhassem e se identificassem com estas formas equilibradas. Quando eu olho com atenção para as plantas ampliadas, vejo estes pelos pequeninos que não consigo ver a olho nu – isto parece-me humano, parece-me animal. A natureza cresce espontaneamente e nós também. Eu estou só a mostrar o que já somos.

Laura Falé,  
Março de 2020